

EU COMPARTILHO, ELE COMPARTILHA – MEMÓRIA E COLECIONISMO – PATRIMONIALIZANDO LEMBRANÇAS NAS REDES SOCIAIS

Márcia Elisa Lopes Silveira Rendeiro

Professora de História do Município do Rio de Janeiro
Doutoranda do PPGMS, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO
marelisarendeiro@ig.com.br

Leila Beatriz Ribeiro

Professora do PPGMS, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO
leilabribeiro@ig.com.br

Resumo

O presente trabalho destina-se a uma parcial apreciação e análise da pesquisa em curso “Coleções em Rede – a fábrica de memórias do Orkut e do Facebook”; na linha de pesquisa Memória e Patrimônio, do Programa de Pós-Graduação em Memória Social, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, levando em conta: a configuração do objeto – redes sociais da Internet; o espaço em que ele se constitui como fenômeno de comunicação e de gerador de lembranças – a Web; os vocábulos e as ações que caracterizam o objeto, com especial destaque para o verbo compartilhar; além das especificidades desse gênero de investigação, considerando a metodologia empregada e os primeiros resultados da pesquisa, erguida à luz dos estudos da Memória Social e do Coleccionismo.

Palavras-chave: Redes Sociais; Memória Social; Coleções.

Abstract

The present work addresses to a partial appreciation and analysis of the research in course "Collections in Net - the factory of memory from Orkut and Facebook"; in the research line of Memory and Patrimony, of the Post-Graduation Program in Social Memory, from the Federal University of the State of Rio de Janeiro, taking account: the configuration of the object –

social networks from the Internet; the space in which itself poses as a generator of memories and communication phenomenon – the Web; the words and the actions which feature the object, with special highlight for the verb share; beside the specificities of this gender of investigation, considering the methodology implied and the first results of the research, risen in light of the Social Memory and the Collectionism studies.

Palavras-chave: Social Networks; Social Memory; Collections.

1. Apresentação

No significativo vocabulário empregado nas redes sociais da Internet chama a nossa atenção termos como conectar, postar e compartilhar. Isso porque desses termos – no paradoxo da informação em tempo real – se apreende um desejo de memória e de patrimonialização de lembranças, uma urgência em ampliar o presente com imagens e fragmentos do passado. Nesse sentido, Dodebei (2008, p.12) nos auxilia atentando para o fato de que cada mais vez mais e de forma exponencial, objetos são produzidos e consequentemente preservados no meio digital: “Preservar, então, corresponde a tornar possível a troca de informações armazenadas numa memória de mundo”. O que explicaria em parte o extenso volume de álbuns virtuais, marcados por uma intensa circulação de fotografias; além de *blogs*, *fotologs* e outros tantos dispositivos que oferecem um atrativo à exposição do indivíduo, musealizado por si mesmo, preso nas tramas da sedução pela memória *on-line*. Essa questão – problematizada no espaço desse artigo – é parte da pesquisa “Coleções em Rede – a fábrica de memórias do Orkut e do Facebook” (RENDEIRO, 2011), no propósito de investigar o colecionismo no universo das redes sociais.

Inicialmente, vale lembrar que do conjunto de experiências que a ação de colecionar proporciona, merecem destaque a satisfação garantida pela posse dos objetos e o valor a eles atribuído (seja como um elemento de troca ou apenas como algo para ser visto e admirado). Nesse caso, há de se ressaltar a presença de vários elementos: satisfação e prazer, exibição, poder e posse.

Na dinâmica composta pelas redes sociais, com *sites* que permitem que você encontre e “acumule” amigos por características específicas, crie grupos de discussão e transite entre álbuns e comunidades; vislumbramos a existência de um circuito que contrapõem palavra e imagem, um dispositivo virtual que estimula a gestação de lembranças e de representação – elos de uma mesma cadeia que serve para pontuar a escrita dos estudos de memória.

2. O tecido das redes

No propósito de estabelecer significado para o termo redes, no complexo e variado mar de associações e interpretações que a palavra sugere, lançamos mão do que no dizer da pesquisadora Regina Marteleto pode ser definido como um “sistema de nodos e elos; uma estrutura sem fronteiras; uma comunidade não geográfica”; ou ainda, “um sistema de apoio ou um sistema físico que se pareça com uma árvore ou uma rede” (MARTELETO, 2001, p.72). Em Elias (1994, p.35) também verificamos a preocupação com a definição do termo rede, partindo da gênese da palavra, nesse caso, o conceito viria da rede de tecido, muitos fios isolados, ligados uns aos outros, tecendo uma nova coisa, “nem a totalidade da rede nem a forma assumida por cada um de seus fios podem ser compreendidas em termos de um único fio, ou mesmo de todos eles, isoladamente”; a rede só seria compreensível com uma análise da maneira como eles se ligam, da relação recíproca que eles estabelecem, acenando com uma imagem que reflete do indivíduo para a sociedade, a formação de uma nova ordem, do individual para o todo, algo que já existia antes dele, mas que ele (indivíduo) ajuda a formar. Assim, dada à dificuldade da compreensão do tecido todo pela análise isolada, cabe-nos puxar um fio e, nesse movimento e abertura, investigar a sua trajetória, seus pontos, nós e conexões.

Inicialmente, propomo-nos refletir sobre a complexidade das redes humanas, estruturas que só podem ser compreendidas em função do coletivo e cuja existência é anterior ao advento das novas tecnologias de comunicação, assim como também se faz necessário compreender o termo rede na confluência de um outro termo – informação.

Palavra presente no dia a dia, rede está em quase tudo, rede ferroviária, fluvial, redes de televisão, computadores em rede etc. De modo primário serve para “descrever todos os tipos de associações entre as pessoas: uma rede de amigos, uma rede de vizinhos, uma rede de mulheres” (LIPNACK; STAMPS, 1992, p.03); na tentativa de compreendê-la de modo mais profundo, também podemos afirmar que “são estruturas dinâmicas e complexas formadas por pessoas com valores e (ou) objetivos em comum” (DUARTE; QUANDT, SOUZA, 2008, p.19).

Como árvore ou raiz sua forma pode ser configurada seguindo algumas imagens;

um sistema de nodos e elos; um mapa de linhas entre pontos; uma identidade persistente de relacionamentos; uma ‘rede de pesca mal amarrada’; uma estrutura sem fronteiras; uma comunidade não-geográfica; um sistema de apoio; uma linha de vida; todo mundo que você conhece; todo mundo que você conhece que... pratica natação, coleciona moedas, canta no coro da igreja, leva as crianças para a escola, lê Teilhard de Chardin (LIPNACK; STAMPS, 1992, p.03).

São ainda os mesmos autores que apontam para o uso do termo *network*, em um distante 1560, para designar “um trabalho com fios (*work*)”, espécie de arranjo em que o

movimento acontece **por** e **com** conexões, o que serve também para demonstrar que a ideia não é nova, nem recente. De outra feita, tecidas essas considerações iniciais, é possível observar que na contemporaneidade as disciplinas conversam cada vez mais entre si – e que uma maior compreensão do termo “rede” sugere que a realidade não separa, não divide; nós é que assim o fazemos, nos diferentes campos científicos – e o estudo das redes sociais pode servir para sustentar esse argumento. Dessa observação segue-se para o fato de que o modelo compartimentado, em que se separa o sujeito do mundo, já não nos serve mais. Os estudos dos diferentes tipos de redes sociais teriam assim a função de romper com a dicotomia entre isso ou aquilo, (re)unindo sujeito e realidade, como forma de enredamento do homem ao homem, na raiz de questões que se dizem humanas e sociais.

No empenho de tratar das relações estabelecidas nos sites de relacionamento, partindo da premissa de que formamos no mundo contemporâneo uma sociedade de “coleccionadores de imagens”, dedicamo-nos ao estudo de dois *sites* em particular – *Orkut* e *Facebook* – conhecidos como redes sociais, no espaço sem fronteiras que chamamos Internet. Nosso propósito é mapear esses *sites*, na hipótese de que eles configurem espaços de edificação de memórias, onde se faz presente o desejo de patrimonializar lembranças, em forma de imagens, fotografias, amigos – possíveis objetos de uma coleção virtual ou de um museu pessoal.

Desse processo de composição de um acervo de imagens e objetos virtuais (e pessoais) segue-se a ideia de que é impossível falar de patrimônio sem considerar os monumentos que sustentam a sua existência. Inicialmente cabe lembrar que a caracterização desses monumentos está atrelada ao modo como ele age sobre a memória, mediado pela afetividade, com a função de fazer o passado vibrar como se fosse presente, todo ele “invocado, convocado, de certa forma encantado”; o monumento atua como instrumento de defesa, protegendo-nos contra os “traumatismos da existência, um dispositivo de segurança”, capaz de assegurar, acalmar, tranqüilizar, “conjurando o ser do tempo”, garantia sobre as origens, dissipando “a inquietação gerada pela incerteza dos começos” (CHOAY, 2006, p.18).

Dessa articulação entre monumento, representação do passado e patrimônio apreende-se também uma relação com o tempo, no que se percebe “a evocação de um movimento de criação e de acúmulo espontâneo”, uma dinâmica contrária “a tudo o que tende a fixar-se, oprimir e tyrannizar”; nesse contexto, o termo “patrimonialidade” aparece como aplicável e compreensível, na intenção de designar a “modalidade sensível de uma experiência do passado, articulada com uma organização do saber” (POULOT, 2009, p. 27-28). No conjunto

destas perspectivas vislumbramos a pertinência de estudar novas formas de patrimônio, condicionadas, entre outras, às matrizes do tangível, intangível ou digital.

Quer nos parecer que as condições *potenciais* para a memória virtual do mundo já existem, representadas pelo conteúdo digital, no qual se inserem os *bits* patrimoniais, e a interoperabilidade maquínica, mediada por uma linguagem independente das línguas naturais e ontologias, operada por um sistema aberto de comunicação. A reflexão sobre os conceitos de patrimônio digital e de memória virtual indica que a digitalização pode ser uma das garantias da preservação do patrimônio; que a formação de coleção, ainda que destituída do atributo de acumulação, organiza um domínio do conhecimento, essencial ao desenvolvimento da comunicação no ciberespaço; e que os atributos para a formação do conceito de patrimônio digital ainda são escolhas determinadas pelos poderes institucionais. (DODEBEI, 2008, p. 31).

Antes de apresentar o detalhamento do espaço das redes, na configuração de uma nova forma de patrimônio digital, cumpre-nos a tarefa de refletir sobre o desafio dos estudos de Memória Social, no esteio de uma espécie de memória do tempo presente, forjada por uma nova relação com o tempo, nas sociedades atuais, acentuadamente marcadas pelo aqui e agora, se considerarmos a quase inexistente preocupação com o futuro e uma visão redentora do passado.

Alguns autores podem nos ajudar na tentativa de compreensão desse tipo de produção memorialista. Começemos pelo argumento de que diversas formas de memória podem coexistir com mecanismos diferentes e diferentes objetos de lembrança. Seguindo os passos dos filósofos gregos, o pesquisador italiano Frederico Casalegno afirma que a memória pode ser vista como um “traço”, na metáfora de um “pedaço de cera”, sobre o qual a memória agiria como um “carimbo”; pode ser vista também como um “celeiro”, uma espécie de depósito ou local onde se “conserva as impressões do passado”; e pode ainda ser vista como um “conjunto de pássaros de várias espécies e de diversas cores”, abrigadas numa espécie de “casa da alma”, um local ativo, onde as “lembranças não são imóveis e se agitam e voam como entidades vivas: a memória é concebida como uma atividade” (CASALEGNO, 2006, p.17). Como situar a produção memorialista das redes sociais nesse contexto de memória (s)?

Nesse caso, é possível pensar no fato de que as redes sociais da Internet – com seus *posts*, *links* e imagens, fragmentos narrativos, *fotologs* e informações – está marcadamente em sintonia com a ideia de memória ativa. Com uma produção que é alimentada pela troca de recordações pessoais e dos outros, servindo como um recurso pelo qual é possível nutrir a memória coletiva, como se nossas ações só tivessem valor quando exteriorizadas, contadas e (re)contadas aos outros e a nós mesmos.

É o caso, por exemplo, dos usuários que cultivam o hábito de digitalizar fotos antigas, (re)significando suas imagens pessoais (nascimento, infância, casamento) na composição de

perfis, suscitando uma sorte de comentários e leituras do hoje sobre o ontem. No corpo da pesquisa, voltando o nosso interesse para as imagens que circulam nas redes sociais, com seus “avatares”¹ e retratos, como elementos que identificam e representam virtualmente o indivíduo, ressaltamos a ambiguidade da fotografia, imagem que encerra um “poderio de informação e desinformação”, na sua capacidade de “emocionar e transformar, de denunciar e manipular”, sendo, contudo, elemento permanente de fascínio para a sociedade (KOSSOY, 2007, p.31).

A fotografia – para o usuário das redes – é sempre a chance de criar novas realidades, configurar a si mesmo como alguém em constante mudança, um editor capaz de recortar a própria imagem, produzir um ser virtual, compor um mosaico de interesses, propagador de suas ideias na expressão de seus sentimentos. No corpo das fotos postadas em rede há sempre o recurso de recuperar o detalhe, destacar um sorriso, compor a paisagem dentro da paisagem, filtros específicos de memória, que ampliam a possibilidade de construção do “eu”. Nesse contexto, interessamo-nos mais pelos recortes, pela realidade criada a partir de fragmentos, pela compulsão de guardar em álbuns virtuais as fotografias dos “eventos” que o usuário participa, pela ambiguidade das aparências, do que pelas evidências que a fotografia oferece.

Como um gênero específico de produção de lembrança, apreende-se que a fotografia resulta de um processo de criação, construído de uma forma “técnica, cultural, estética e ideológica”; complexo na sua abrangência, um gênero imagético encetado para registrar as atividades humanas, mais ainda, como “elemento de fixação da memória histórica individual e coletiva” (KOSSOY, 2007, p.35).

No universo das redes sociais percebe-se um diálogo entre as imagens dos usuários, com perfis que se comunicam, informam e narram; fotografias que são modificadas com a inserção de legendas – do próprio usuário ou por parte de outros membros de sua rede de amigos – e dessa interação comunicativa, apreendemos uma trajetória contrária à imobilidade, situando no espaço individual, na página do indivíduo, um repertório de experiências que nem sempre são apenas suas; fatos e coisas, aparentemente desconexas, que ganham um sentido e uma coerência na proposta de retratar alguém, compor uma imagem maior, sobrepondo as identidades, um percurso que segue do “nós” para o “eu”.

¹ Nas redes de relacionamento o termo avatar compreende um corpo virtual, uma imagem que transcende ao seu criador, potencializa a sua própria imagem, representa uma espécie de duplo, elemento que transita, age e opera dentro das redes. Nem todo usuário de redes sociais possui um avatar, ele apenas ilustra as muitas possibilidades de representação que a rede oferece.

Tudo o que era vivido diretamente se distancia em uma representação. Essa relação entre vivido e representado evoluiu consideravelmente com as comunicações em rede. [...] Assistimos, assim, à criação de uma memória que é verdadeiramente “respondente”, muito mais do que “registradora”. [...] É essa forma de exteriorização e de partilha de sensações e de informações em rede que modela a memória coletiva e viva das comunidades a que pertencemos e que nos permite, em última instância, dar um sentido a nossa existência: criar associações, formar comunidades e partilhar as emoções em comum (CASALEGNO, 2006, p.31-32).

A lógica da “sociedade do espetáculo”, apresentada pelo pesquisador Guy Debord, que dizia respeito, sobretudo, às mídias de massa – anunciando a vida como uma “imensa acumulação de espetáculos” – destacava a finitude de um tempo cíclico, em que se vivia a “ilusão imóvel” sobre o “realmente vivido”, em detrimento de um “tempo espetacular”, em que, segundo ele, o tempo da realidade se transforma, sendo “vivido ilusoriamente” (DEBORD, 2003, p.155); esse tempo, criticado por ele, ganha especial contorno com as novas tecnologias interativas de comunicação, erguidas sob o signo da partilha, em face da ideia de que a “experiência compartilhada participa da fundação da memória coletiva” (CASALEGNO, 2006, p.32).

A associação de sentidos entre as redes sociais da Internet (cujo surgimento pode ser apontado como uma espécie de velha criação) e a memória social é, pois, fruto da experiência narrativa, sensorial, que esses *sites* oferecem, graças a um conjunto de aplicativos e alternativas de compartilhamento. No dizer do filósofo e urbanista francês Paul Virilio “a memória da comunidade virtual é algo que surge para substituir a memória perdida da comunidade real”, e tal como uma compensação ou escape, “nada mais é aqui, tudo é agora” (VIRILIO, 2006, p.91; p.93) – eis que se institui a memória do presente.

Os *sites* de relacionamento – constituídos na estrutura rizomática das redes sociais – corroboram para a ideia de que a memória individual e a memória coletiva caminham lado a lado; estabelecendo uma concepção de memória em que se observa que as nossas recordações (individuais e coletivas) e “até o nosso processo cognitivo de recordar contêm na origem muito de social”; verbos como “reconhecer, recordar, evocar, registrar, comemorar” e, agora, também compartilhar “mostram que a memória, de tão complexa, pode incluir tudo, desde uma sensação mental altamente privada e espontânea, possivelmente muda, até uma cerimônia pública solenizada” (FRENTRESS; WICKHAM, 1992, p.08).

É das relações humanas que nos ocupamos quando debruçados sobre o objeto redes sociais; da natureza dessas relações quando mediadas pelas modernas tecnologias de comunicação; e da complexa forma de produzir lembranças, com coleções de imagens e de narrativas. Dessa interação sem precedentes percebe-se que “aceitamos controlar, mas também sermos controlados pelos outros. Democratizamos o voyeurismo em escala

planetária” (VIRILIO, 2006, p.101); cabe-nos refletir sobre esse trânsito de informações, imagens e narrativas na web.

3. Metodologia

À luz da Memória Social propomos a análise qualitativa dos referidos *sites* de relacionamento, entrevistando usuários e dissecando esses espaços, a fim de identificar – no circuito das imagens e informações – os objetos que compõem essas coleções virtuais. No espaço dessa análise cabe-nos investigar: o que o ato de compartilhar ensaja nesse cenário? Que espécie de colecionador se configura em *sites* como o *Orkut* e o *Facebook*? Em que medida a categoria patrimônio pode ser alocada nesse estudo?

Vale reforçar o fato de que o mundo virtual assinala a possibilidade de corporificar a memória com um novo tipo de objetos, antropologicamente e sociologicamente reconhecíveis, de natureza armazenável, reunidos em série, como vestígios ou rastros, indicativos da presença do homem, definindo assim a existência de um suporte de memória, próprio das práticas de coleção e, como tal, patrimônio capaz de identificar ideias, comunidades e sujeitos. Ao partir dessa premissa vislumbramos o ensejo de patrimonialização de lembranças nas redes sociais, observando, por exemplo, que antigos álbuns de família ganham novas leituras e significados, compondo páginas de eventos e como objetos de uma coleção de imagens de caráter infundável.

Entre as redes sociais de maior sucesso, considerando o número de usuários, estão o *Facebook*, o *Orkut* e o *Twitter*; *sites* de relacionamento entre *blogs*, *micro-blogs*, aqui pontuados como a marca de um trânsito virtual, esboçando regiões de grande circulação, onde palavras como tráfego, portais e janelas ganham outros sentidos e significados.

Longe daqueles diários íntimos do século XIX, nos quais o tempo sedimentava em lentas camadas de sentido e era preciso recobrá-lo nessa empreitada tão insistente quanto cotidiana, os *blogs* conformam prolixas **coleções do tempo presente** organizadas cronologicamente. Ademais, agora é lícito abandonar a tarefa se ela se tornar cansativa ou enfadonha demais, sabendo que sempre será possível renascer em outro momento, abrindo um outro *blog* ou mesmo um fotolog, ou um perfil no *Orkut*, ou alguma outra novidade que logo irá aparecer e será ainda mais cintilante. Sempre é possível recomençar, não apenas com outro layout mais bonito e atual, mas inclusive com um perfil renovado (SIBILIA, 2008, p.139, grifo nosso).

Assim, uma vez reconhecida a legitimidade de uma discussão sobre patrimônio e coleções, em uma análise sobre as redes sociais, para chegar às respostas, no processo de estruturação de um método de análise, inicialmente, partimos do reconhecimento dessa forma de organização humana, construindo uma espécie de mapeamento inicial do campo, identificando a sua forma e o seu conteúdo, a dinâmica que estabelece os nós e as conexões,

considerando não apenas os “atributos individuais (classe, sexo, idade, gênero), os atores, mas o conjunto de relações que os indivíduos estabelecem através de suas interações uns com os outros” (MARTELETO, 2001, p.72). De outra feita à pesquisa empírica se recomenda a observação e apreensão de todos os detalhes, cuidando para conhecer apuradamente todo o “universo que se pretende problematizar”; levando em conta o fato de que “a Internet é um universo de investigação particularmente difícil de recortar, em função de sua **escala** [...], **heterogeneidade** [...] e **dinamismo** [...]” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2012, p.55, grifo nosso).

De pronto, vale lembrar que há uma grande oferta de métodos de análise para as redes sociais, sobretudo, no campo da matemática, com seus gráficos, teoria de grafos e sociomatrizes, mas, mesmo reconhecendo o valor dessas propriedades, assim como, dos programas de *software* dedicados ao assunto e a gama de possibilidades que os mesmos oferecem, nosso processo empírico tem sido construído à sombra de uma observação qualitativa e seguindo o seguinte roteiro inicial: a) o **mapeamento dos sites** *Facebook* e *Orkut* (análise do espaço, sua configuração visual, terminologia, ações e aplicativos); b) a **análise de entrevistas** aos usuários, na perspectiva de que configuram os atores da rede, nesse caso, interpretados como “atores-chave na conexão” (DUARTE; SOUZA; QUANDT, 2008, p.35); c) a **análise do fluxo de imagens** (fotografias e quadros imagéticos) o modo como elas circulam e sofrem interferência; e de *posts* (pequenos relatos), na perspectiva de que os mesmos (na sua associação e completude) configuram objetos de uma coleção de imagens, com uma dinâmica própria e formadora de um novo gênero de colecionador.

Esclarecemos que cada uma dessas categorias de análise pode, eventualmente, contar com o auxílio de outras tantas ferramentas, na medida em que isso se mostrar necessário.

Desse modo,

a percepção do Outro é essencial para a interação humana. Ela mostra que, no ciberespaço, pela ausência de informações que geralmente permeiam a comunicação face a face, as pessoas são julgadas e percebidas por suas palavras. Essas palavras, constituídas como expressões de alguém, legitimadas pelos grupos sociais, constroem as percepções que os indivíduos têm dos atores sociais. É preciso, assim, colocar rostos, informações que gerem individualidade e empatia, na informação geralmente anônima do ciberespaço. Este requisito é fundamental para que a comunicação possa ser estruturada. Essas questões são importantes porque trazem a necessidade de que o ator que se expressa através da comunicação mediada pelo computador, seja individualizado e percebido de modo a proporcionar as pistas necessárias para a interação social (RECUERO, 2010, p.27).

Na soma dessas considerações com a questão metodológica percebemos, de imediato, a atração que o fenômeno “redes sociais na Internet” exerce na sociedade contemporânea, o

que nos leva a reconhecer a existência de um mercado de memórias, suscitando o consumo de imagens, a projeção de perfis, o compartilhamento de ideias, a criação de comunidades.

4. Desenvolvimento

Do processo inicial de investigação, na tentativa de mapear o espaço e as possibilidades que ele enseja (como objeto de estudo) listamos algumas de suas ações, ferramentas e aplicativos, no esboço de uma primeira análise e interpretação de sua terminologia. Para tanto, a título de exemplificação, apresentamos algumas considerações acerca da rede *Facebook*, extraídas da observação da própria rede, no uso de suas especificidades, como uma pequena demonstração das possibilidades analíticas que esse site de relacionamentos oferece.

Principais ações disponíveis ou ao alcance dos usuários (verbos, iniciativas e caminhos para o usuário no trânsito das redes: a) **Curtir** – ação de observar (admirar, examinar) uma página ou uma comunidade do site, comunicando aos “amigos” o objeto (pessoa, coisa ou tema) observado pelo usuário; b) **Compartilhar** – ação motriz do site, possibilidade de dividir com os amigos, as imagens, as fotos, as mensagens de cunho pessoal. No cenário em questão, pode-se afirmar que compartilhar é a ação de maior relevância, uma vez que dinamiza a ação comunicativa dos usuários na rede. d) **Postar** – termo que remete ao envio de mensagens curtas, assim como, *links* e imagens, meio pelo qual o usuário dialoga com os amigos (membros da mesma rede) e pelo qual lança mão de suas ideias e mensagens; e) **Comentar** – ação de emitir opinião, interferência direta sobre uma fotografia, imagem ou mensagem, nesse caso, uma mesma foto ou texto, pode ser comentada por vários usuários (amigos) da mesma rede; f) **Localizar** – ação de rastrear pessoas, amigos ou com potencial de amigos, seguindo as pistas dos que compartilham interesses em comum; g) **Criar eventos** – ato de começar e nomear um evento, promovendo, convidando e reunindo pessoas em torno de um interesse comum; g) **Adicionar** – ação de adicionar um amigo-usuário a sua rede²; h) **Confirmar** – ato de confirmar a adição de mais um amigo a sua rede; i) **Outras possibilidades de ação** são evidenciadas a partir de: **Pergunte algo**; **Publicar**; **Classificar** (primeiras histórias, mais recentes); **Foto-vídeo** (enviar foto ou vídeo, usar *webcan*, criar álbum de fotos).

² Lembramos que a rede, compreendida como um todo, com suas ferramentas e aplicativos, suscita a formação de outras redes, a rede de amigos que se adicionam (própria e comum a um determinado número de usuários) e trafegam mutuamente no universo de suas imagens e mensagens.

Objetos, ferramentas e aplicativos também estão ao alcance dos usuários. Entre eles, destacamos o espaço do *Status*, onde o usuário da rede descreve o seu momento, respondendo à pergunta: no que você está pensando? Também merecem destaque: o **Perfil** (espaço em que o usuário se descreve, a partir de um pequeno banco de dados, profissão, instituição em que trabalha, entre outros); a **Linha do Tempo** (página dentro da rede, que é própria ao usuário, onde se alojam todas as suas mensagens, tudo o que compartilhou com seus amigos, tudo o que curtiu, todos os convites e solicitações que recebeu, organizados em ordem cronológica); **Jogos** (aplicativos ou jogos interativos que podem ser compartilhados com amigos); **Álbuns** (arquivo de fotografia e ou imagens que são reunidas e classificadas por um eixo temática); **Bate-papo** (recurso que permite a troca de mensagens em tempo real, para o qual é possível mostrar-se conectado ou desconectado).

Uma vez mapeado e estabelecido os critérios iniciais de análise cumpre-nos dialogar com os autores e com o aporte teórico que uma pesquisa como essa exige. De pronto reconhecemos o peso de conceitos como representação, narrativa, consumo e memória coletiva. Nesse cenário destacamos também o peso conceitual da intimidade.

A transformação do tempo e do espaço reconhecida pela modernidade levou a **um novo modelo de intimidade**, a ideia de “confiança e segurança, risco e perigo” caminha lado a lado com a experiência transmitida pela mídia, é Gideens quem afirma “a familiaridade gerada pela experiência transmitida pela mídia pode talvez, com frequência, produzir sensações de inversão da realidade: o objeto ou evento real, quando encontrado, parece ter uma existência menos concreta que sua representação na mídia” (2002, p.30). Assim, apresentar-se, expor-se em rede, representar a sua própria atuação, postando imagens e criando álbuns, seriam coisas ainda mais importantes do que o evento em si.

No futuro, são as fronteiras permeáveis que se tornarão o mais interessante de se compreender e de estudar. As pessoas sempre vão querer o imediatismo do contato humano, elas sempre irão querer conversar enquanto tomam uma xícara de café, sempre vão querer ver onde você mora, fisicamente, com seu corpo. Você aprende muito sobre uma pessoa vendo o seu local, vendo a forma como ela vive, o tipo de arte que ela gosta, como gosta das luzes, se ela trabalha numa sala escura ou numa sala iluminada. As pessoas sempre vão querer isso para formar relações que contêm informações sobre os nossos corpos e os corpos daqueles com quem falamos. Mas as pessoas também vão querer – agora que desenvolvemos o gosto para isso – a possibilidade de encontrar pessoas no virtual, elas vão sempre querer a velocidade, o alcance global, e, até mesmo, o tipo de intimidade especial que vem da comunicação eletrônica (TURKLE, 2006, p.289-290).

A existência de um tipo de memória na tela sugere também uma forma de apreensão subjetiva da tecnologia, tomando como base o uso de arquivos e memórias *on-line* e a angústia de que nada pode se perder: “a diferença entre todas as minhas caixas e o arquivo de

e-mail tem a ver com o fato de que quando eu tenho o antigo e-mail na minha tela, está lá com a mesma presença na tela, a mesma forma de poder ser manipulado que as coisas do presente” (TURKLE, 2006, p.298).

O mundo virtual assinala desse modo com a possibilidade de corporificar a memória com um novo tipo de objetos, antropologicamente e sociologicamente reconhecíveis, de natureza armazenável, reunidos em série, como vestígios ou rastros, indicativos da presença do homem, definindo assim a existência de um suporte de memória, próprio das práticas de coleção e, como tal, patrimônio capaz de identificar ideias, comunidades e indivíduos.

5. Resultados Alcançados

O trabalho de campo, considerando o inicial mapeamento dos *sites* e as questões que envolvem a entrevista aos usuários já aponta para a existência do ensejo de colecionar, indícios de um tipo muito singular de colecionador, o que o filósofo Vilém Flusser chama de “coleccionadores de imagens”; o termo foi empregado com respeito ao “domínio das imagens técnicas” na sociedade; essas imagens apontam para uma espécie de “revolução cultural”, marcada pela dependência e pelo excesso de informação presente em “fotografias, filmes, imagens de TV, de vídeo e dos terminais de computador” (FLUSSER, 2008, p.14) – dessa constatação se apreende um mundo regido por imagens, objetos que acumulam sentidos, evidenciando novas formas de compreensão social e suscitando novas formas de abordagem para a memória. É o mesmo Vilém Flusser quem afirma que “quem escreve tece fios” (2010, p.51); nesse caminho interpretativo percebemos que a escrita das redes se estabelece como uma leitura de superfície, mas tão intensa e constante que dá conta de uma “nova experiência espaço-temporal e, por conseguinte, de um novo conceito de espaço-tempo, em que as antigas experiências e os antigos conceitos não podem ser mantidos” (FLUSSER, 2010, p.64).

De um balanço primário de resultados, entre o real e o virtual, cabe-nos refletir sobre que tipo de mensagem encerra a imagem postada em rede. Na defesa de uma postura crítica, supondo que novas experiências subjetivas se estabelecem na contemporaneidade, procuramos os elos das redes sociais, o desejo comum do compartilhamento, a compulsão pela acumulação de imagens e informações, vislumbrando nesses passos a presença do colecionismo.

Dessa apreensão inicial, percebemos que o virtual, “mais do que sinônimo de ilusão ou falsidade, compreende um outro espaço de experimentação da própria realidade”, indicando que há novas formas de criação e convivência sendo estabelecidas em sociedade; com

imagens que “carregam, também, sentidos tensos, expressos sob a conjugação de sons, falas, movimentos” (JOBIM e SOUZA, 2003, p.82).

Professor de Literatura Comparada e pesquisador, Andréas Huyssen chama a nossa atenção para o fato de que “memória e esquecimento estão indissolúvel e mutuamente ligados”, mais ainda, estimula-nos a pensar nesse fenômeno como algo “ligado à mercadorização e à espetacularização”, tal como se observa numa ampla oferta de “filmes, museus, docudramas, *sites* na Internet, livros de fotografia, histórias em quadrinhos, ficção” (2000, p.19; p.21), estratégias que corroboram na visão da memória como um produto, passível de comercialização e de barganha; partindo dessa provocante premissa, consideramos que uma das possibilidades que as entrevistas aos usuários apontam seria a configuração de um novo ‘produto’ (grifo nosso) de memória. Assim,

a nossa sedução monumental já pode não ter qualquer relação com o espaço de fato construído, e certamente não tem nada a ver com os *shopping centers* gigantes postos no meio do nada, os aeroportos internacionais e sua circulação em massa de pessoas e mercadorias, ambos fisicamente desprendidos do lugar tradicional do espaço público: a cidade viva. Não admira que muitos vão buscar o novo espaço público na Internet, mordendo a isca da promessa monumental de conquistar o tempo e o espaço, que dá novo sentido à fantasmagoria de Mc Luhan sobre uma cultura global unificada eletronicamente. De fato, tudo pode acontecer na no ciberespaço e na autoestrada da informação [...] Se o tráfico de informações para o futuro vai se dar de fato na via expressa ou se ele vai produzir um engarrafamento dos cérebros em escala monumental é o que vamos ver. Só futuro dirá se valeu a pena ser seduzido (HUYSEN, 2000, p.64).

De outra feita, se as redes sociais expressam o fascínio pela velocidade de comunicação, pelas imagens que estampam e identificam novos sujeitos, pela transparência e poder que veiculam como explicar que todo esse forte aparato tecnológico esteja sempre acompanhado da marca da efemeridade? Como explicar que o mundo *on-line*, no circuito de suas lembranças e imagens, no paradoxo da vida em rede, sobreviva à sombra da tecla deletar?

Nesse cenário, não se pode observar os resultado sem uma necessária reflexão sobre a transitoriedade dos arquivos, a legitimidade e a autenticidade da cultura digital, considerando que os dados num servidor da Internet “não tem o sentido de um ‘original’ *per se*” (LICHTY, 2003, p.308, grifo do autor); periódicos e jornais, como o *New York Times*, estariam criando “entidades *on-line*”, disputando espaço e público com outras mídias virtuais. O que revela como problema a evidência da criação de “arquivos institucionais inteiros sem nenhuma cópia impressa que os acompanhe” (LICHTY, 2003, p.307), o que representa um desafio do registro histórico no contexto digital. Sobre isso vale pensar no significado da palavra efêmero, já carregada de um sentimento de perda, no seu sentido de passageiro, descartável ou fadado ao

desaparecimento. Na escrita das redes seria possível apontar um relato histórico “dos rastros que indivíduos, instituições e sociedades deixam para a posteridade” (LICHTY, 2003, p.307)? No entanto, de modo contraditório, a ausência de um original impresso e a rapidez com que as mídias se tornam obsoletas (com toda a implicação econômica e de recursos que envolvem) não parece diminuir o ânimo, a intensidade e o número de arquivos que são criados diariamente. Eis que identificamos o argumento do excesso, sobre o qual o *back-up* parece imprescindível; “no nível pessoal, a natureza dinâmica da Internet e a natureza transitória do registro *on-line* requerem a criação de arquivos locais” (LICHTY, 2003, p.314), como aponta o autor:

eu não deleto nenhum dos meus e-mails pessoais e faço *back-ups* periódicos de meus arquivos de correio eletrônico. Colegas meus imprimem cópias de novos artigos e textos relevantes logo que os encontram, para evitar que os ventos da Internet levem o texto embora. Se fosse conhecido que essa prática de arquivamento *on-line/off-line* é mais disseminada – e em alguns lugares suponho que seja –, poderia ser dito que foi selado um acordo referente à imaterialidade de práticas virtuais, mas ao mesmo tempo mantendo uma forma de “metatexto” do mundo *on-line* em cópia impressa no arquivo pessoal (LICHTY, 2003, p.314, grifo do autor).

Nesse excesso encontramos algo de melancólico, o desejo de permanência, âncora e fronteiras com o que seria possível fugir à fragilidade imposta ao indivíduo no mundo globalizado. No senso comum consideramos melancólicos os que têm o hábito de recorrer ao passado como forma de consolo ou alívio frente às angústias do presente. No universo acadêmico, a melancolia vai além. Surge como esteio da articulação de memórias em torno de um passado comum, pode expressar o desejo de permanência, o medo da perda, da finitude, flertando também com o colecionismo, o antigo e sempre renovado hábito de acumular “objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial num local fechado, preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público” (POMIAN, 1984, p.52).

O colecionador de imagens nas redes sociais configuraria, assim, um novo modelo dessa prática, mais afeito aos objetos virtuais e ao tempo presente, mais próximo do efêmero, mas não menos seduzido pelo olhar e pela admiração dos outros sobre a sua própria coleção.

O material que ora apresentamos como artigo configura parte dessa análise, ressaltando, por hora, a circulação e o compartilhamento dos objetos imagéticos que configuram essas coleções virtuais. Nesse momento cumpre-nos a tarefa de pontuar a presença desse acervo, reconhecendo nele o ensejo de patrimonializar lembranças, acervos em que reconhecemos a constituição de álbuns e trajetórias pessoais, como monumentos simbólicos, onde seria possível até construir linhas do tempo em um território não linear.

Referências

CASALEGNO, Frederico (Org.). **Memória cotidiana**: comunidades e comunicações na era das redes. Porto Alegre: Sulina, 2006.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade; Editora UNESP, 2006.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do espetáculo**. Projeto Periferia. Disponível em: <www.eBooksBrasil.com>. 2003. Acesso em: 20 mar.2012.

DODEBEI, Vera. Digital virtual: o patrimônio no século XXI. In: DODEBEI, Vera; ABREU, Regina (orgs.). **E o patrimônio?** Rio de Janeiro: Contra Capa/Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2008. p.11-32.

DUARTE, Fábio; QUANDT, Carlos; SOUZA, Queila. **O Tempo das redes**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas – O Elogio da superficialidade**. São Paulo: Anablume, 2008.

_____. **A Escrita**. Há futuro para a escrita? São Paulo: Anablume, 2010.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para Internet**. Porto Alegre: Sulinas, 2012.

FRENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Memória Social, novas perspectivas sobre o passado**. Lisboa: Editorial Teorema, LTDA, 1992.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HUYSSSEN, A. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JOBIM e SOUZA, Solange; KRAMER, Sônia. **Ciências Humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

LICHTY, P. Histórias de desaparecimento/desaparecimento de histórias. A efemeridade das mídias digitais como rastros da história. In: DOMINGUES, D. (org.) **Arte e vida no século XXI**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

LIPNACK, Jéssica, STAMPS, Jeffrey. **Networks: redes de conexões**. Pessoas conectando-se com pessoas. São Paulo: Aquariana, 1992.

MARTELETO, Regina Maria. Análise das redes sociais – aplicação nos estudos de transferência da informação, **Ci. Inf.**, Brasília, V.30, n.1, p.71-81, jan./abr. 2001.

POMIAN, Krzystof. Coleção. In: GIL, Fernando. **Memória-História**. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984. p. 51-86. (V. 1)

POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI: do monumento aos valores**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

RENDEIRO, Marcia Elisa Lopes Silveira. **Coleções em Rede – a fábrica de memórias do Orkut e do Facebook**. Rio de Janeiro: PPGMS/UNIRIO. Projeto de Doutorado, 2011.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**. A intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

TURKLE, Sherry. A memória na tela. In: CASALEGNO, Frederico (Org.). **Memória cotidiana: comunidades e comunicações na era das redes**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

VIRILIO, Paul. O paradoxo da memória do presente na era cibernética. In: CASALEGNO, Frederico (Org.). **Memória cotidiana: comunidades e comunicações na era das redes**. Porto Alegre: Sulina, 2006.